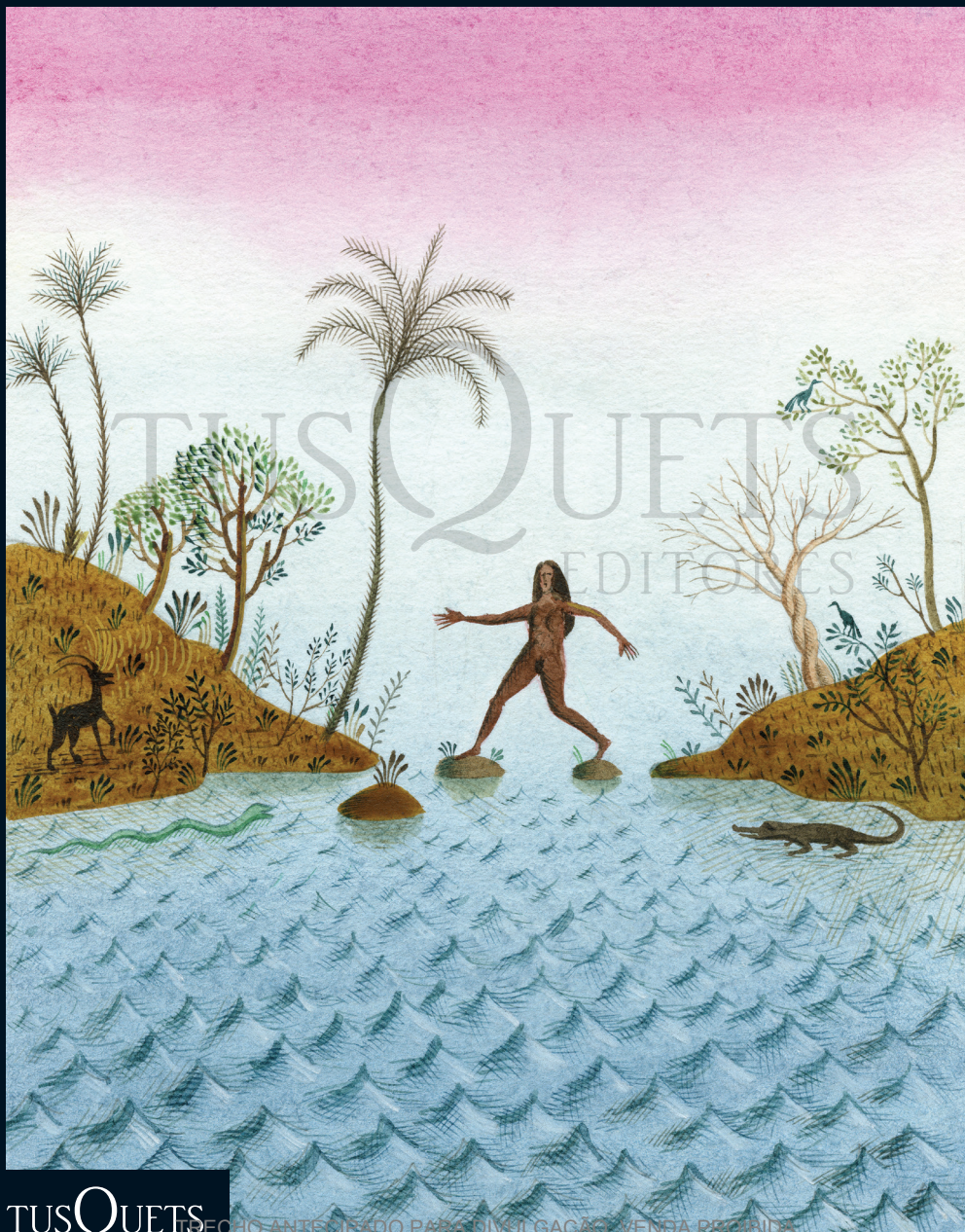


# JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

## AS MULHERES DO MEU PAI



JOSÉ EDUARDO  
AGUALUSA  
AS MULHERES  
DO MEU PAI

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © José Eduardo Agualusa, 2007

Publicado em acordo com Agência Literária Mertin, Nicole Witt – Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e.K. Frankfurt am Main, Alemanha.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *As mulheres do meu pai*

*Preparação:* Thais Rimkus

*Revisão:* Laura Folgueira e Valquíria Della Pozza

*Projeto gráfico:* Jussara Fino

*Diagramação:* Márcia Matos

*Capa:* adaptada do projeto gráfico original de Companhia

*Imagem de capa:* Alex Cerveny

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agualusa, José Eduardo

As mulheres do meu pai / José Eduardo Agualusa. - São Paulo:  
Planeta do Brasil, 2021.

336 p.


ISBN 978-65-5535-611-3

1. Ficção angolana I. Título

21-5398

CDD A869.3

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção angolana

 Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Oncócuá, sul de Angola

domingo, 6 de novembro de 2005

Acordei suspenso numa luz oblíqua. Sonhava com Laurentina. Ela conversava com o pai, que, vá-se lá saber o porquê, tinha a cara do Nelson Mandela. Era o Nelson Mandela e era o pai dela, e no meu sonho tudo isso parecia absolutamente natural. Estavam sentados ao redor de uma mesa de madeira escura, numa cozinha idêntica em tudo à do meu apartamento na Lapa, em Lisboa. Sonhei também com uma frase. Acontece-me frequentemente. Eis a frase: “De quantas verdades se faz uma mentira?”

A luz, filtrada primeiro por uma rede muito fina, presa à janela, e outra vez pelo mosquitoieiro a envolver a cama, deslizava puríssima, numa torrente incrédula, contaminando a realidade com sua própria descrença. Virei a cabeça e dei com o rosto de Karen. Dormia. Ao dormir, Karen volta a ser jovem, como suponho que fosse antes da doença (da maldição).

Estamos em Oncócuá, num pequeno posto médico gerido por uma organização não governamental alemã. Oncócuá, como tantas outras vilas de Angola, foi desenhada com largas avenidas, para ser, no futuro, uma grande cidade. O futuro, todavia, atrasou-se. Talvez nunca chegue. Levantei-me com cuidado e espreitei pela janela. Uma enorme montanha, com o formato de um cone perfeito, flutuava no horizonte. Duas mulheres mucubais avançavam sem ruído. A mulher mais alta não devia ter mais de dezesseis anos, cintura estreita, pulseiras coloridas nos finos pulsos dourados; lembrei-me, ao vê-la, de um verso de Ruy Duarte de

Carvalho – *os seios: frágeis acúleos na placa do peito*. Ruy Duarte escreveu belos versos sobre os seios das meninas mucubais. Compreendo-o bem. Se eu fosse poeta, não teria outro tema. A segunda mulher cobria o tronco com um pano verde e amarelo. Mancava um pouco.

— São bonitas, não são...?

Karen estava sentada na cama, o cabelo castanho em desalinho. Disse-lhe:

— Sonhei com a Laurentina...

— A sério? Isso é bom. As personagens começam a existir no momento em que nos aparecem em sonhos.

— No meu sonho ela era indiana. Uma rapariga de cabelo liso, olhos grandes, pele muito escura.

— Não pode ser. Talvez meio indiana, não te esqueças de que o pai é português...

— O pai?! Qual deles...?

— Boa pergunta. O Faustino Manso era luandense, mulato ou negro. O que a adotou era português, e o biológico...

— Não pensamos nisso...

— Tens razão, não pensamos nisso. Quem diabo era o verdadeiro pai da Laurentina...?

## (Mentiras primordiais)

Fecho os olhos e no mesmo instante regresso à tarde em que a minha mãe morreu. O meu pai recebeu-me à porta do quarto.

— Ela está muito agitada — murmurou. Tenta acalmá-la.

Entrei. Vi seus olhos acesos na penumbra.

— Filha! — Colocou-me na mão um envelope. — Chamam-me. Tenho de ir. Isto é para ti, Laurentina. Perdoa-me...

Não voltou a falar. Mais tarde apareceu Mandume. Lembro-me de vê-lo ajoelhado aos pés da cama, segurando a mão da minha mãe. O meu pai, em pé, de costas para nós. O meu pai, ou melhor, o homem que até aquela tarde eu acreditava que fosse o meu pai. Está agora sentado diante de mim. Tem um rosto seco, anguloso, com as maçãs do rosto salientes. A cabeleira é farta, grisalha, penteada para trás. Deve ter ensaiado a pergunta noites a fio na solidão do seu quarto de viúvo:

— De quantas verdades se faz uma mentira? — Fica calado um momento, o olhar perdido em algum ponto atrás de mim, depois acrescenta com ênfase: — Muitas, Laurentina, muitas! Uma mentira, para que funcione, há de ser composta por muitas verdades.

Olhos brilhantes, úmidos. Sorri tristemente.

— Era uma boa mentira, a nossa, uma mentira composta por muitas verdades, e todas elas felizes. Por exemplo, o amor que a Doroteia tinha por ti era realmente um amor de mãe. Tu sabes disso, não sabes?

Olho-o atordoada. Levanto-me e vou até a janela. Posso ver dali o pátio iluminado pelo sol. A figueira que salvei, há anos, tirando-a

de uma pequena jarra quebrada, numa lixeira, e plantando-a num enorme vaso de barro, se dá bem junto à comprida chaminé de tijolo que divide o pátio. Cresceu muito, e muito torta, como é próprio da natureza das figueiras. A buganvília, ao fundo, já perdeu todas as flores. Janeiro declina. Um mês ruim para se morrer, mesmo em Lisboa, onde até no inverno surgem com frequência, desgarrados e sonolentos, como papoulas dispersas num campo de trigo, dois ou três esplêndidos dias de verão.

O meu pai teria gostado que eu fosse um rapaz. Até os doze anos, ignorando os protestos da minha mãe, comprava-me calções e boinas, e jogava bola comigo. Temos uma ligação muito forte. Tivemos sempre.

— A Ilha, papá, como é o tempo em Moçambique nesta época?

A pergunta não o surpreende. Julgo que se sente aliviado por poder mudar de assunto. Suspira.

— Em janeiro — diz — costuma fazer muito calor na Ilha. O mar é de um verde luminoso, a água quente, filha, chega aos trinta e cinco graus, uma sopa de esmeraldas. — Tira uma moeda do bolso. — Lembras-te? — Eu me lembro, claro. Seguro na moeda. Vinte réis. Está muito gasta, mas ainda assim consigo ler a data sem dificuldade: “1824”. O meu pai encontrou a moeda numa praia da Ilha, no primeiro dia em que lá chegou, o mesmo em que conheceu a minha mãe. Doroteia fazia quinze anos; Dário, quarenta e nove. Foi a 18 de dezembro de 1973. Nasci dois anos depois. Penso nisso, no meu nascimento, e uma revolta súbita toma conta de mim. Tenho consciência de que a minha voz se torna mais aguda e de que estou a ponto de chorar. Não quero chorar.<sup>1</sup>

— Estou aqui a tentar compreender como é que vocês foram capazes de me esconder uma coisa dessas durante tantos anos! Podes explicar-me...?

Dário encolhe-se como um rapazinho. No meu escritório, presa a uma das paredes, há uma fotografia emoldurada de Nelson Mandela, e outra, logo ao lado, do meu pai. A semelhança entre os dois, não obstante a diferença de raças, impressiona as pessoas.

---

1. Choro muito. Choro no cinema, nos casamentos, choro a ler qualquer coisa, eu sei lá, *O amor nos tempos do cólera*. Comovem-me os desastres ou as alegrias de amor dos outros, mas não me lembro de ter chorado alguma vez em razão de meus próprios desaires.

— Conversei muitas vezes com a tua mãe acerca do teu nascimento. Eu queria dizer-te, mas a Doroteia não me deixava. Há verdades, argumentava ela, que mentem mais do que qualquer mentira. A tua mãe, a tua mãe biológica, não quis ficar contigo. Era uma menina de quinze anos, filha de um dos homens mais ricos da Ilha, um comerciante indiano. Apaixonou-se por um músico angolano que passou por lá, vindo de Quelimane, e engravidou. Entretanto, o homem foi embora. Voltou para Luanda, tanto quanto sei, e a rapariga enlouqueceu de dor. Deixou de se alimentar. O pai quis matá-la ao descobrir que estava grávida, quis expulsá-la de casa, uma loucura, mas a mãe impôs-se. O pai esperava que ela morresse no parto. Ela e a criança. Achava que assim seria melhor para todos.

— Lembras-te do nome do tal músico?

— Lembro, Lau, é claro que lembro. Também me lembro do nome da menina, era uma menina ainda, a tua mãe biológica: Alima. O músico, esse, toda a gente o conhecia. Foi uma figura muito popular naquela época...

— Popular como?

— Popular, filha, como se é popular! Tinha gravado vários discos, *singles*, e as canções dele passavam bastante nas rádios. Era um homem distinto, elegante, lembro-me de vê-lo sempre muito bem-vestido. Um tipo negro, talvez mulato escuro, vestido com terno de linho branco, o lenço espreitando no bolso do casaco, no lado do coração. Ah, importante, o sapatinho bicolor e, na cabeça, sempre bem erguida, um belo panamá...

— Como se chamava?

— Faustino. Faustino Manso. Uma figura, o Faustino Manso.



## (Carta de Doroteia para Laurentina)

*“Querida filha,*

*Hei de chamar-te filha até o fim.*

*Há algo que tens de saber, e quero que o saibas por mim, porque, se não o soubeste antes, foi por minha culpa, porque me faltou a coragem.*

*Não vieste do meu ventre. No mesmo dia em que nasceste, eu perdi uma menina. No quarto onde estava, numa clínica modesta, na Ilha de Moçambique, outra mulher deu à luz. O parto correu mal, e ela não sobreviveu. Os pais dessa mulher perguntaram-me se queria ficar com a criança, e eu disse que sim. A partir do instante em que olhei para ti, amei-te como a uma filha autêntica.*

*Era isso que te queria dizer. Perdoa-me não o ter dito antes.*

*Ajuda o teu pai. É ele quem me preocupa. Dário não sabe viver sozinho. Tivemos as nossas zangas. Penso que fui, muitas vezes, demasiado áspera com ele. Mas o amo muito, compreendes? Foi o único homem da minha vida. Sempre me custou aceitar que tivesse amado outras mulheres antes de mim. Pior – enquanto estava comigo. Mas são assim os homens.*

*Foste o melhor que a vida me deu.*

*A tua mãe,  
Doroteia”*

## (Pecado é não amar)

Infeliz coincidência. Não sei como o chamar. Faustino Manso, o meu pai, morreu ontem à tarde. Comprei no aeroporto, ao desembarcar, o *Jornal de Angola*. A notícia, breve, seca, vem na página de cultura:

“Morreu o Seripipi Viajante. Faustino Manso, 81 anos, faleceu na madrugada de ontem, na Clínica Sagrada Esperança, ilha de Luanda, após prolongada doença. Manso, a quem admiradores chamavam o Seripipi Viajante, foi um músico muito popular durante os anos 1960 e 1970 não apenas em Angola, mas em toda a África Austral. Viveu em diversas cidades angolanas e também em Cape Town, África do Sul, e em Maputo, então Lourenço Marques. Regressou a Luanda, de onde era natural, em 1975, logo após a independência. Foi durante muitos anos funcionário do Instituto Nacional do Livro e do Disco. Deixou viúva a senhora Anacleta Correia da Silva Manso, além de três filhos e doze netos.”

As páginas da necrologia são mais eloquentes. Quatro anúncios trazem o nome de Faustino Manso. O primeiro é assinado por Anacleta Correia da Silva Manso. É o maior. A fotografia é também um pouco maior e mais recente. Reza assim:

“Partiste sem um último adeus, marido, apagou-se o sol na minha vida. Calou-se a voz magnífica: quem agora cantará para mim enquanto bordo? Enganaste-me, prometeste-me que ficarias comigo até que chegasse o fim e que me darias a mão para eu não sentir medo, e é tão longa a viagem. Medo é o que sinto agora. No fim voltaste a deixar-me. Não sei se conseguirei perdoar-te.”

O segundo é assinado pelos três filhos: N’Gola, Francisca (Cuca) e João (Johnny). A fotografia mostra Faustino Manso abraçado a uma guitarra.

“Querido pai, conhecemo-nos tarde, mas, felizmente, não demasiado tarde. Partiste, mas nos deixaste as tuas canções. Hoje cantamos contigo: Nenhum caminho tem fim / Longe do teu abraço.”

O terceiro e o quarto anúncios apanharam-me de surpresa. Sentei-me, aturdida, sobre a minha mala. Pedi a Mandume que me fosse comprar uma garrafa de água. Acho que só então me dei conta do calor. Ascendia do chão, úmido e denso, colava-se à pele, enrolava-se no cabelo e era ácido como o hálito dos velhos. Uma tal Fatita de Matos, em Benguela, assina o único anúncio sem fotografia. O texto é curto, mas explícito:

“Pecado é não amar. Pecado maior é não amar até o fim do amor. Não me arrependo de nada, Tino, meu seripipi. Repousa em paz.”

No último anúncio, o meu pai posa para a posteridade, no vigor dos seus trinta anos, sentado à mesa de um bar. Diante dele tem uma garrafa de cerveja. Distingue-se o rótulo: “Cuca”. Enquanto escrevo estas notas, também eu bebo uma Cuca. É boa, muito leve e fresca. Releio o texto:

“Pai querido, abraça a mãe quando a encontrares. A Leopoldina esperou tanto tempo por esse abraço. Diz-lhe que os filhos dela, os vossos filhos, sofrem de saudades, mas que pensam em vós todos os dias e que o vosso exemplo de coragem e de honestidade nos orienta, e orientará, sempre. A nossa terra ficou mais triste sem a alegria do teu contrabaixo. Quem o tocará agora? Dos teus filhos, Babaera e Smirnoff.”

\*

Os pais de Mandume se casaram em Lisboa, em 1975, ambos com vinte anos. Marcolino estudava arquitetura. Manuela, enfermagem. Deviam ser bastante ingênuos, ainda hoje são. Manuela disse-me:

— Naquela época éramos todos nacionalistas, parecia uma doença. Odiávamos Portugal. Queríamos terminar os cursos e regressar à trincheira firme do socialismo em África.

Manuela deu-me a ouvir velhos discos, em vinil, de música angolana. Há várias canções que falam na trincheira firme do socialismo em África. Assim mesmo, sem a menor sombra de ironia. A burocracia

cia portuguesa não aceitou que o primeiro filho do casal se chamasse Mutu, em homenagem a um rei do planalto central de Angola: Mutuya-Kevela. Ficou Marcelo para efeitos oficiais e Mutu para a família e amigos mais próximos. Mandume, o filho do meio, chama-se na realidade Mariano, e Mandela, o mais novo, Martinho. Em 1977, ano em que nasceu Mandume, os dois irmãos de Marcolino foram fuzilados em Luanda, acusados de envolvimento numa tentativa de golpe de Estado. Marcolino ficou muito transtornado. Nunca mais falou em regressar. Concluído o curso, conseguiu emprego no ateliê de um arquiteto, também ele natural de Angola, requereu a nacionalidade portuguesa e dedicou-se inteiramente ao trabalho. Conheci Mandume há sete meses. O que primeiro me atraiu nele foram os olhos. O brilho dos olhos. O cabelo, dividido em pequenas tranças espetadas, dá-lhe um ar de rebeldia que contrasta com a doçura dos gestos e da voz. Gosto de vê-lo caminhar. No mundo em que ele se move não existe atrito.

— Como um gato?

Aline, num sopro, os lábios úmidos, debruçada sobre a mesa.

— Se dizemos que alguém caminha suavemente, as pessoas lembram-se logo dos gatos.

Não, querida Aline, Mandume não parece um gato. Há, nos gatos, na forma como se movem, uma espécie de arrogância, um imperial desdém pela pobre humanidade, e isso não tem nada a ver com Mandume. Ele é ao mesmo tempo humilde e desafiador. Pelo menos é assim que o vejo. Talvez seja dos meus olhos. Pode ser amor. Aline riu, lembro-me dela rindo quando pela primeira vez lhe falei de Mandume. Tem um riso bonito. É a minha melhor amiga.

— E Mandume, o que significa?

Mandume? Ah, outro rei. Um soba cuanhama que se suicidou durante uma batalha, no sul de Angola, contra tropas alemãs. Mandume, o meu Mandume, não está muito preocupado em saber quem foi a personagem histórica a quem deve o nome. Quando lhe perguntei como se chamava, disse-me:

— Mariano. Mariano Maciel.

E foi Mário, o técnico de som, um homem baixo, pálido, com o cabelo ralo, mas comprido, muito loiro, quem contrapôs sorrindo:

— Aliás, Mandume, o preto mais branco de Portugal.

Frase infeliz. Reagi com violência:

— Sim?! E isso era pra ser um elogio...?

Era pra ser um elogio. Hoje sou tentada a concordar com o pobre Mário e até já utilizei a mesma frase contra Mandume. Há momentos em que me sinto realmente apaixonada por ele. Noutros, porém, quase o odeio. Irrita-me o desprezo que demonstra em relação a África. Mandume decidiu ser português. Está no direito dele. Não creio, porém, que, para se ser um bom português, tenha-se de renegar todos os seus ancestrais. Eu sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que em mim possa haver de africano.

Mandume acompanhou-me, renitente.

— Enlouqueceste? O que vais tu fazer em África...?

Veio, afinal, para me salvar de África. Veio para nos salvar. É um querido, eu sei, tenho de ter mais paciência com ele. Além disso, gosta do que faz. Passa o dia a perseguir-me com a câmara de vídeo. Digo-lhe que filme isto ou aquilo, o que ele finge fazer, mas, quando dou por isso, está a filmar-me.

TUSQUETS  
EDITORES